

## Cultura corporal e qualidade de vida

Silvino Santin

### Resumo

O presente texto é resultado de uma reflexão filosófica sobre o tema: cultura corporal e qualidade de vida. Nele são enfocados três pontos fundamentais. Inicialmente é apresentada a unidade indissolúvel entre os fenômenos em estudo, pois somente se pode falar em cultura corporal como tal, se ela acontecer como qualidade de vida. Em segundo lugar são apresentados alguns desvios da cultura corporal motivados por interesses de outra ordem, não os da vida. Por fim, conclui-se que cada pessoa é o grande e autêntico artífice capaz de desenvolver a cultura corporal como qualidade de vida.

### Observações iniciais

Os temas anunciados pelo título, cultura corporal e qualidade de vida, há algum tempo aparecem com grande destaque em eventos de educação física. Parece que, a partir do momento em que se anunciou o corpo como a especificidade do ser humano, a educação física assumiu um lugar importante no desenvolvimento da corporeidade humana, não mais reduzida à metáfora de máquina. Para pensar uma cultura corporal diferente dos princípios da mecânica, nada melhor do que aproximar o corpo ao tema da qualidade de vida.

Diante desta nova situação, vou iniciar perguntando, anteriormente, a cultura corporal, perseguida pela educação física, não tinha como objetivo fundamental a qualidade de vida? Então, qual seria a razão desta retomada do debate sobre cultura corporal e qualidade de vida?

Dar respostas definitivas a essas perguntas, provavelmente, não seria uma tarefa fácil. Estamos acostumados, desde a invenção do pensamento racional, procurar as razões de todas as coisas, como forma de explicação de qualquer fenômeno. Mas será que, uma vez identificadas as razões, ou as causas, teremos explicado o fato? Dito diferentemente

será que tudo o que acontece tem causas? O procedimento de buscar razões foi ditado pelas normas do exercício acadêmico e científico.

A este respeito vou permitir-me fazer duas observações. A primeira vem da interpretação que Heidegger fez do poema do poeta medieval Silésio que diz: "A rosa não tem porquê, ela floresce porque floresce". O florescer da rosa é comparado, por Heidegger, à criança que brinca, "ela brinca porque brinca". Portanto, nos dois exemplos, estaria rompida a cadeia do princípio de que todas as coisas têm um porquê, isto é, uma razão, uma causa. A segunda refere-se ao fato de que as decisões, mesmo na área das ciências, não surgem da racionalidade científica, mas estão enraizadas nas emoções. Mesmo quando o homem ocidental optou pela racionalidade das ciências modernas, segundo Maturana, o fez guiado pela emoção, pois, diz ele, "Todo sistema racional se constitui no operar com premissas previamente aceitas, a partir de uma certa emoção". Mais um rompimento com as exigências da racionalidade que exclui as emoções como razões legítimas para qualquer decisão de ordem científica.

A academia sempre ensinou que toda investigação, para ser científica, e toda reflexão, para ser filosófica, precisam seguir os princípios da racionalidade. Outro ensinamento acadêmico, que vem de Descartes, diz que a busca de novos conhecimentos deve partir de idéias claras e distintas. Esta reflexão parte de razões existenciais e de idéias nem claras e nem distintas. Cada um deve ter suas razões para pensar a cultura corporal, não como um corpo abstrato, mas o corpo que cada um é, cuja existência deve coincidir com a qualidade de vida que lhe é específica. Portanto, não se trata de pensar uma cultura corporal transformando o corpo num objeto científico, nem a qualidade de vida numa abstração teórica, mas numa existência aqui e agora ou, como diriam os existencialistas, datada e situada. Para concluir essa introdução, sugiro ao leitor que estabeleça como ponto de partida de leitura a sua compreensão de cultura corporal e de qualidade de vida, e das razões que o levaram a se interessar por esses temas. De minha parte terei a mesma atitude, por isso para encaminhar este meu estudo, que qualificaria como um jogo reflexivo capaz de articular cultura corporal e qualidade de vida, vou apresentar duas questões de linguagem.

## A questão lingüística

O segredo de qualquer estudo, reflexão ou pesquisa está na enunciação do tema. Ela tem uma dupla função. Uma é a de formular a questão a ser refletida ou pesquisada. Outra é a de orientar o leitor. Nas ciências exatas, quando o problema não for bem formulado, o que implica uma rigorosa limitação, não se pode falar em pesquisa. Nas ciências humanas, há mais liberdade, mas na medida que esta aumenta, mais difícil se torna elaborar um roteiro de trabalho. Aqui, estamos diante de duas expressões ou termos de largo espectro ou de ampla abrangência. Para complicar ainda mais, a estrutura lingüística dos dois termos não é idêntica. Observe-se, cultura corporal e qualidade de vida são duas expressões gramaticalmente diferenciadas. Para torná-las homogêneas deveria dizer: cultura corporal e qualidade vital ou, então, cultura de corpo e qualidade de vida.

Para resolver o problema, digamos que o ponto de vista lingüístico possa ser desconsiderado ou, talvez, deixar para que se resolva através da construção da minha reflexão. O que mais importa é a questão semântica.

## A questão semântica

Apesar da diversidade lingüística não causar maiores transtornos, é fundamental trabalhar com o sentido das palavras e das expressões. Seria fácil se eu pudesse dispor de conceitos ou de definições que estabeleçam o sentido de cultura corporal e de qualidade de vida. O meu trabalho estaria simplificado. Bastava estabelecer relações e mostrar como as duas realidades se aproximam ou se afastam no cotidiano das pessoas, ou como, cientificamente, podem ser formuladas com dados da biologia, da bioquímica, da biomecânica, da fisiologia, da medicina, da engenharia genética, da nutrição, da ecologia, da psicologia, etc.

Infelizmente, em lugar de conceitos rigorosos, as palavras, aqui em questão, estendem diante de mim e, penso, diante de todos nós uma imensa paisagem de horizontes ilimitados. Vou formular algumas perguntas que mostram, um pouco, a complexidade deste território. O que se deve entender por cultura? E corporal é sinônimo de físico? Qual o sentido de qualidade? Qualidade é sinônimo de algo bom? Ou há qualidades que são más? Qualidade é uma realidade objetiva ou subjetiva? Por fim, vida. Que vida? Apenas a vida dos seres humanos? Ou de qualquer ser vivo?

Devo confessar que não sei, não encontrei, não procurei um sentido unívoco destas questões, para orientar minha reflexão, por isso, vou contar a história dos meus esforços para articular cultura corporal com qualidade de vida, longe dos procedimentos clássicos de conceituar ou de definir, mas como atividades quotidianas e pessoais sustentadas pelo único direito intransferível de cada pessoa definir o seu modo de pensar e de viver. Evidentemente com essa atitude acabei de mostrar que o meu estudo não tem pretensões de fazer ciência, mas de respeitar o modo de viver de cada pessoa. Cultura corporal e qualidade de vida, no meu entender, são construções existenciais, e não projetos científicos.

## Gênese do tema

Julgo importante iniciar pela gênese do tema, pois já Aristóteles nos ensinou que o princípio é responsável por toda a manifestação de um fenômeno, do início ao fim. Portanto, não pretendo, como já disse, chegar a definições ou conceitos, mas apenas descrever como as preocupações com a cultura corporal e a qualidade de vida surgem, se instalam entre nós e passam a atrair de maneira quase obsessiva, com maior ou menor intensidade, as atenções de todas as camadas sociais. O cuidado com o corpo, nem que seja apenas sua aparência, e a exigência de uma vida com qualidade tornaram-se preocupações generalizadas. É a partir deste dado que pretendo encontrar os elos que unem indissolivelmente cultura corporal e qualidade de vida. Da mesma maneira como estão unidos corpo e vida, assim também se unem cultura e qualidade. Não há vida sem um organismo vivo. Não há qualidade sem um fenômeno ao qual é referida. Esses são os pressupostos, sobre o qual, acredito, poder oferecer uma compreensão, capaz de responder às perguntas acima formuladas e de estabelecer a lógica do meu raciocínio.

É preciso dizer que, tanto o tema da cultura corporal quanto o da qualidade de vida são manifestações relativamente recentes das preocupações no Ocidente. Talvez, o tema mais recente e mais relevante seja o da qualidade de vida. Parece consenso que a

qualidade de vida tornou-se uma questão essencial para homem da era industrial e, sem dúvida, para a era pós-industrial, o momento em que a corporeidade humana passou a ocupar um espaço fundamental na compreensão do homem. Neste sentido faço duas observações. Primeiramente, me parece que a preocupação com a qualidade de vida não surgiu como uma nova proposta de vida, mas como um esforço de preservar a vida das ameaças do desenvolvimento científico e tecnológico. Mais do que uma nova vida busca-se proteger as pessoas dos perigos que as ameaçam. Em segundo lugar, o tema qualidade de vida encontrou um terreno fértil quando o corpo passou a designar o modo específico de ser do homem. O homem é corpo, ora um corpo vivo que exige condições mínimas para viver.

## Caminhos de distanciamento

Vejam alguns precedentes, apenas para lembrar o que acontecia antes, na relação do homem com um corpo, reduzido a forças físicas, instintos e paixões. Inicialmente, na civilização ocidental, a começar pelos antigos gregos e latinos, a questão era superar a brutalidade selvagem sustentada pela força física e os desvarios das paixões. O homem civilizado precisava encontrar um outro referencial, que não fosse o da força bruta, para ordenar sua vida individual e coletiva. Cícero (106-43 a.C.) proclamava que: "Não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam as grandes façanhas; são as outras qualidades, como a sabedoria, a clarividência, o discernimento". Cícero confirmava o que os filósofos gregos já haviam anunciado, a supremacia do espírito sobre a matéria. Neste momento o corpo, não apenas cedeu seu lugar aos critérios da razão, mas foi praticamente banido da vida humana. O resumo deste período da história corporal está muito claro nestas palavras de Roy Porter: "Até há pouco tempo, a história do corpo tem sido negligenciada, não sendo difícil se perceber o porquê. Por um lado, os componentes clássicos, e por outro lado, os judaico-cristãos, de nossa herança cultural, avançaram ambos para uma visão fundamentalmente dualista do homem, [...] e ambas as tradições, em seus caminhos diferentes e por razões diferentes, elevaram a mente ou a alma e denegaram o corpo". Para reforçar esta crença da inferioridade málsã do corpo, instalada no Ocidente, não se pode esquecer a influência do Neoplatonismo (Plotino 204- 270 d.C.), dominante nos primeiros séculos da Era Cristã, que defendia a tese de que "O corpo do homem é essencialmente mal, e pesa sobre a alma como erro e pecado fatal". A Idade Média não aliviou essa situação denegrida, talvez, a tenha reforçado com seu moralismo exacerbado. Mesmo a modernidade, embora tenha tirado o corpo da esfera da moral, não lhe conferiu um lugar de maior dignidade na vida pessoa.

Quando Galileu Galilei (1564-642) declarou a produção do conhecimento como uma tarefa autônoma do homem, liberto das tradições grega e judaico-cristã, e especialmente da autoridade religiosa, e propôs uma interpretação matemática e geométrica de um universo-máquina, o corpo passou a receber um outro tratamento. Os filósofos resolveram dedicar-se ao estudo do ato de pensar (*res cogitans*), proclamado autônomo por Descartes, e deixaram o corpo, (*res extensa*) ao encargo dos cientistas. Descartes (1596-1649) deu um impulso decisivo à visão maquínica do universo ao estendê-la ao homem, não só entre os cientistas, mas mesmo entre os filósofos, pois, para ele, os filósofos de sua época não compreendiam o homem por não compreenderem suficientemente a máquina. Conhecer a máquina, na época, era apoderar-se da representação mais fiel do homem e do universo. Universo-máquina e homem-máquina, duas metáforas que

expressavam a arquitetura comum do macrocosmo e do microcosmo. Em relação ao homem a famosa obra de Julien Offrai de La Mettrie (1709-1750) *L'Homme Machine* tornou-se uma referência básica. Com Newton (1642-1727), já consagrada a metáfora da máquina como representação do universo e do homem, a física mecânica foi erigida em modelo de qualquer ciência.

O homem, tornado homem-máquina pelos modernos, precisava ser conhecido através do funcionamento de seu mecanismo. Nas Idades Antiga e Medieval, o corpo era um estorvo, era preciso dominá-lo e neutralizá-lo. Agora, na Idade Moderna, o corpo é neutro, não ajuda e não estorva, chegou o momento de conquistá-lo. Então surgem os ávidos anatomistas com uma curiosidade reprimida pelo dogma teológico do corpo criado e selado por Deus, portanto, inviolável, que de todas as maneiras buscavam ultrapassar os limites da pele e expor as entranhas do homem. E a anatomia tinha como primeiro objetivo o mapeamento de seus órgãos e de suas funções. Um programa, certamente, precursor involuntário do projeto genoma humano atual.

É importante não esquecer que o corpo, enquanto objeto da ciência, mantém sua situação de algo distinto do humano do homem. O dualismo continua. Ciências distintas foram criadas para tratar separadamente o corpo e mente. Na verdade, parece que o corpo continua não sendo o homem, no máximo uma dimensão exterior e secundária. Portanto, não se pode falar em encontro ou reencontro do homem com seu corpo. Esta aproximação cognitiva do corpo, realidade identificada com a matéria, transformou as relações homem/corpo sem, entretanto, conceder a alforria humana à corporeidade. Ele continua na senzala, a casa grande pertence à razão ou à racionalidade.

## Caminhos de reencontro

No caminho das ciências físicas surgem as ciências naturais, entre elas a biologia. A biologia no século XIX, entre as ciências experimentais, foi aquela que maior impacto causou para a comunidade científica. O avanço das idéias evolucionistas, especialmente através da publicação da obra de Darwin *A Origem das Espécies* (1859), desencadeia uma verdadeira revolução na história do pensamento ocidental. Com a concepção evolucionista introduziu-se, no mínimo, uma desconfiança diante do domínio absoluto do tratamento mecânico e matemático dado ao universo, ao homem e, inclusive, ao pensamento. A teoria da evolução darwiniana representa um esforço para tirar o homem das metafísicas racionalistas, das teses mecanicistas e dos dogmas filoteológicos. O homem perdeu seu pedestal na obra da criação para ser apenas o resultado de uma evolução, e, talvez, apenas um elo da cadeia de todo processo evolutivo continuado da vida.

Neste ambiente situa-se com muita força o materialismo histórico. No seu interior, Karl Marx (1818-1883) situa o homem enquanto artífice e produto da história, mas sua origem está na matéria da qual surge a consciência. Com o evolucionismo e o materialismo histórico deu-se um passo decisivo rumo a um novo humanismo. Entretanto o homem permanecia ainda, é verdade, como consciência, mas não mais transcendental e abstrata, e sim, histórica e encarnada. O reencontro com o corpo começava se desenhar.

Permanecendo sempre nesta caminhada rumo ao homem histórico, concreto e encarnado, acredito, ser legítimo colocar as filosofias existencialistas, predominantes na Europa continental entre os anos 25 e 70 do século XX, especialmente em Alemanha e França, como um marco decisivo para o reencontro com o corpo. Uma vez o homem

inserido na história como sujeito, foi mais fácil dar um passo mais audacioso, apesar de Husserl ainda insistir numa consciência Transcendental ou Eu puro, em direção ao homem corporal.

As correntes filosóficas existencialistas, ainda que de forma diferenciada, jogaram o homem no mundo, isto é, no tempo e no espaço. A condição humana existencialista poderia ser resumida no conceito do Dasein heideggeriano, que significa ser-aí. O homem tornou-se um ser-no-mundo. Uma presença aqui e agora. Seu modo de ser é a existir. E a única tarefa do homem é assumir essa sua presença no mundo. O que significa dizer que homem e mundo estão articulados confusionalmente, isto é fundidos juntos, falando a linguagem de Maffesoli. O homem é mundano e o mundo é humano.

O pensamento heideggeriano tem como tese central que a essência do ser humano é a sua existência. A realidade humana consiste em sua existir, em movimento de transcendência, isto é, de plenitude. O que significa dizer que os limites da existência humana podem ser sempre dilatados. Não estão pré-estabelecidos, como o é nas coisas e nos outros seres vivos, isto porque, uma vez assumida sua condição humana, ele (o homem) passa a definir seu existir de acordo com um projeto que ele mesmo traça, ou, como diz Sartre: "A vida não tem sentido a priori. Antes de viverdes, a vida não é nada; mas de vós depende dar-lhe um sentido, e o valor não é outra coisa senão esse sentido que escolherdes". E ainda: "o homem está constantemente fora de si mesmo, é projetando-se e perdendo-se fora de si que ele faz existir o homem e, por outro lado, é perseguindo fins transcendentais que ele pode existir". Evidentemente o ato de transcender acontece na superação dos limites do momento, mas sempre no interior do tempo e do espaço de uma existência. Nunca como ultrapassar a vida humana.

Diante disto fica evidente uma observação, apesar do existencialismo ter definido o homem como um ser-no-mundo, portanto contingente, ainda permanece agarrado à consciência. É o estado de consciência no assumir sua condição contingente que o homem se humaniza. O corpo, nem em Sartre nem em Heidegger, ocupa uma posição mais significativa. Gabriel Marcel, um filósofo francês pouco lembrado, dá um passo, ainda que tímido em direção ao corpo, afirmando que o ser humano é um ser-encarnado. Escreve ele: "Quando eu digo: eu existo, eu não coloco somente uma consciência um pensamento, mas eu viço algo mais que é a minha manifestação, isto é, eu sou manifesto. [...] Ora, esta minha existência se dá pelo fato que há meu corpo". Mas a relação entre o eu e o corpo, segundo ele, é de posse. O que não significa que se possa reduzi-lo a um instrumento do qual me sirvo, também não é um objeto distinto do eu, ele é eu mesmo. Apesar deste avanço, G. Marcel foi explícito ao dizer que, "não se pode dizer que eu sou meu corpo, o que levaria a anular o eu. O específico do meu corpo é de não poder existir só; meu cadáver não é mais eu". Fica claro, no meu entender que, mesmo com o avanço de Marcel, o eu ou a consciência continuam mantendo uma certa distância da corporeidade. De qualquer maneira, Gabriel Marcel quando diz que o homem é um ser encarnado quer dizer que ele é um ser-no-mundo o que, ainda segundo Marcel, a mesma presença que une o homem ao seu corpo o une ao universo inteiro.

O passo decisivo na identificação do ser humano como corpo, espero não exagerar, foi dado por Merleau-Ponty, ao afirmar, sem rodeios, que o homem é corpo. "Mas eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes sou meu corpo". Portanto, pode-se proclamar: eu sou corpo. Afirmação que deve designar o homem inteiro, e, além disso, repetindo suas palavras, "Não é a um objeto físico que o corpo pode ser comparado, mas a uma obra de arte". Para ele, o sujeito que sente não é um eu pensante da tradição cartesiana e idealista, nem a consciência, mas o corpo. Resumindo, o fato

do ser humano ser um ser-no-mundo só é possível porque é corpo. O que, segundo Ghislaine Florival, inspirada em Merleau-Ponty, pode ser confirmado pelo dogma cristão do Verbo Encarnado. O Evangelho de s. João não diz que o Verbo se fez homem, mas sim, que se fez carne, isto é, corpo.

Para completar o meu roteiro, preciso sair dos campos filosóficos para entrar no mundo das ciências e ouvir o que dizem os cientistas, mais especificamente, os da área da biologia. É a partir dos avanços da biologia molecular que, no meu entender, encontramos a demonstração da ressurreição do corpo. Não é necessário dizer que a biologia molecular provocou uma revolução copernicana no sistema solar das ciências biológicas. Não tenho conhecimentos suficientes para explanar esses méritos. Vou ater-me a aquilo que julguei importante para poder chegar aonde quero ir, isto é, ao reencontro do corpo como identidade humana e raiz da qualidade de vida. Acredito que poderei sustentar meu raciocínio invocando dois nomes, de todos conhecidos, e já consagrados internacionalmente.

O primeiro é o biólogo chileno, Humberto Maturana, cuja contribuição mais reconhecida gira em torno da originalidade de sua explicação do ser vivo. Torna-se difícil dizer em poucas palavras o significado fundamental das pesquisas biológicas de Maturana para a mudança da compreensão do ser vivo, fora do modelo da física mecânica. Me parece fundamental acentuar dois pontos, no conjunto das pesquisas de Maturana, para posteriormente, poder estabelecer uma relação com a questão atual da qualidade de vida.

Um ponto, o mais significativo, diz respeito à identidade do homem como um ser vivo. Inicialmente, Maturana mostra não ser favorável à tese clássica que identifica o homem com a racionalidade. Diz ele: "Habitualmente pensamos no ser humano como um ser racional, e freqüentemente declaramos em nosso discurso que o que distingue o ser humano dos outros animais é seu ser racional. [...] ao nos declararmos seres racionais vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional". E o que é mais importante nestas idéias, no meu entender, é que, para ele, "as emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos". Maturana fundamenta tais afirmações na tese biológica de que "Nós, seres vivos humanos, somos sistemas determinados em nossa estrutura. [...] assim todos os domínios de ações ou condutas humanas se realizam no sistema nervoso [...] num espaço de relações corporais".

O outro ponto refere-se à compreensão do ser vivo enquanto um sistema auto-referido. Isto porque todo seu operar só tem sentido com referência ao próprio ser vivo. Mais recentemente, Maturana complementa essa idéia com uma palavra nada biológica, a autopoiese. De tal sorte que, os seres vivos, como sistemas auto-referidos, são também autopoieticos, o que quer dizer que eles são auto-organizados, ou auto-organizações. Toda sua dinâmica está neles mesmos, portanto, diz ele, "a ontogenia de um sistema vivo é a história da conservação de sua identidade através da autopoiese continuada no espaço físico". Isto vale, não só para os humanos, mas para todo e qualquer organismo vivo.

A autopoiese humana se desenvolve em dois domínios; um, digamos, mais interno, acontece no âmbito da fisiologia que é responsável por nossa dinâmica corporal, capaz de criar e ordenar os elementos deste organismo; outro, como rede de relações

com o meio e com os outros, o que mostra a classe de seres que somos. Assim, segundo ele, nossa condição humana de seres vivos acontece numa dupla direção em nossa capacidade de nos auto-construirmos, e em nossa maneira de nos relacionarmos com os outros e com o mundo em que vivemos. A nossa identidade como seres humanos é individual e social, e mais, é individual porque é social e é social porque é individual. Em outras palavras, nossa identidade se enraíza no sistema nervoso e vivemos em nossa corporeidade, mas o genético não determina o humano, somente funda o humanizável tanto individual quanto coletivo.

O segundo autor é o neurologista português António Damásio, muito conhecido pela sua obra, *O Erro de Descartes*. Nela ele apresenta suas descobertas neurológicas e mostra como Descartes estava errado ao afirmar que o ato de pensar é uma atividade separada do corpo. Para Damásio tudo está centrado no sistema nervoso central, ele, teoricamente, diríamos didaticamente, distingue corpo e cérebro. Nada melhor do que ouvir a explicação com suas próprias palavras: "Qualquer que seja a questão que possamos levantar sobre quem somos e por que somos como somos, uma coisa é certa: somos organismos vivos complexos, com um corpo propriamente dito ('corpo', para abreviar) e com um sistema nervoso ('cérebro', para abreviar). Sempre que me refiro ao corpo tenho em mente o organismo menos o tecido nervoso (os componentes central e periférico do sistema nervoso), embora num sentido convencional o cérebro faça parte do corpo". Mais adiante ele vai dizer que "O cérebro e o corpo encontram-se indissolúvelmente integrados por circuitos bioquímicos e neurais recíprocos dirigidos um para o outro". (idem p. 113). Portanto corpo e cérebro não podem ser duas entidades, mas uma só.

Portanto, espero não interpretá-lo erroneamente, ao dizer que, para Damásio, são os fundamentos neurológicos que garantem a identidade de todos os seres vivos, inclusive do ser humano. Evitando as explicações teóricas e as provas laboratoriais que exigem uma maior familiaridade científica, vou referir-me a dois fatos acontecidos, um mais antigo, outro mais recente, mas ambos revelam mudanças de personalidade, o que seria perda de identidade, depois de acidentes neurológicos provocados por causas diversas.

Antes, o mais antigo, o caso Gage. Phineas P. Gage, 25 anos, funcionário competente, tinha sob suas ordens um grande número de homens na construção da Estrada de Ferro Rutland & Brulington. Vítima de um grave acidente com explosão. Um ferro entra pela face esquerda de Gage, trespassa a base do crânio, atravessa a parte anterior do cérebro e sai em alta velocidade pelo topo da cabeça. O ferro pesa cerca de seis quilos, mede cerca de um metro de comprimento, com aproximadamente três centímetros de diâmetro. O bico mede 21 centímetros cuja ponta tem meio centímetro de diâmetro.

Gage não morre, apesar de ficar envolto por sangue e cérebro, ao contrário, fala e caminha. Entretanto, diz o relato do médico que o tratou, Dr. Harlow, que Gage deixou de ser Gage. Os amigos entristecidos observam que "Gage já não era Gage". Ele havia mudado radicalmente. Segundo Damásio, haveria outra pessoa.

O segundo caso, chamado por Damásio de um Phineas Gage moderno, mas identificado com o nome Elliot. Como no caso anterior, Elliot sofreu profundas alterações radicais da personalidade. A causa um meningioma. Uma cirurgia foi feita para que Elliot sobrevivesse. Em termos gerais, bem sucedida, mas uma parte não foi tão bem sucedida. E o paciente, ainda na convalescença apresentou uma reviravolta em sua personalidade Elliot já não era Elliot.

Seguindo a linha das conclusões de Damásio fica claro que o eu, proclamado como uma entidade pura ou transcendental pelas filosofias racionalistas, agora, seria possível ter uma representação neural do mesmo. Mas as descobertas neurológicas de Damásio nos levam mais longe, pois uma vez confirmada a base neural do eu, sua "compreensão poderá ajudar a esclarecer o processo da subjetividade, a característica-chave da consciência". Apresentei esse percurso, espero suficiente e esclarecedor, para mostrar um pouco a história do corpo, pois somente poderemos falar em cultura corporal e, com maior razão, propor uma cultura corporal, quando tivermos uma compreensão fiel de corpo. Certamente não tenho a pretensão de apresentar uma solução, mas, apenas, para mostrar a complexidade do tema proposto e, talvez, denunciar duvidosas e ilusórias exaltações do corpo anunciadas por duvidosos, senão falsos, programas de culturas corporais.

Fica claro que a minha tese defende uma cultura corporal desenhada a partir de uma imagem de corpo, cuja raiz deve ser o próprio corpo. E mais, uma qualidade de vida só será entendida em nome da vida que o corpo realiza. Estes pressupostos definem o rumo dos próximos passos.

## Cultura corporal

Somente essas duas palavras seriam suficientes para provocar longos debates. A literatura sobre o tema aumenta continuamente sem estabelecer qual o sentido de cultura corporal. Se eu perguntasse aos prezados leitores, que compreensão cada um tem de cultura corporal. Não sei se é uma boa pergunta, pois me parece que conserva o ranço escolar. A pergunta, que eu faria, e que me parece mais adequada e mais instigante, baseada no fato de que todos somos (ou temos) corpo, seria esta: qual é a cultura corporal que eu pratiquei e pratico?

Embora, Georges Gusdorf diga que o homem primitivo não tinha consciência de seu corpo enquanto corpo no mundo dos corpos, e que a significação do corpo na existência humana não estaria plenamente esclarecida, não há dúvida alguma que a humanidade, em todos os tempos, dedicou algum tipo de atenção a seu corpo, e procurou meios de melhorar seu modo de viver. Falando com mais intimidade, cada um pode avaliar a qualidade de cultura corporal que pratica consigo mesmo. Portanto, sempre houve alguma prática de cultura corporal e algum modelo de qualidade de vida, tanto em termos pessoais, quanto em termos coletivos e sócio-culturais.

A natureza foi muito pródiga em criar uma infinidade de variedades de corpos pela constituição biológica, seja pela forma, seja pelos ornamentos ou posturas, seja pelo meio ambiente em que vivem ou pelas funções no equilíbrio da natureza. No conjunto de todo este imenso aparato, com que os corpos vivos foram dotados pela diversidade criativa da natureza, deve-se destacar um elemento fundamental, o da sedução. E o princípio da sedução está diretamente ligado à sexualidade. As transformações corporais ocorrem como uma certa armadilha para conquistar o companheiro ou a companheira para o ritual sexual de reprodução e de prazer. Jean Baudrillard, em seu livro *De la Séduction* [1979], apresenta os traços gerais dos mecanismos sedutores. Evidentemente há uma abismal diferença entre a sedução animal e a humana. Por exemplo, entre os pássaros, a força sedutora está na beleza corporal, geralmente presente no colorido da plumagem, ou no canto melodioso, ou nos movimentos provocativos da dança; em outros casos, a sedução se dá pela

manifestação da força numa luta feroz entre os conquistadores, por vezes mortal. Neles a cultura corporal segue as leis do instinto, já que não possuem os recursos da linguagem simbólica.

O homem, entretanto, começou a estabelecer rituais de sedução, de magia protetora, de espírito guerreiro, de comemorações festivas, de liturgias culturais, etc. como formas de ampliar o significado de seu corpo. As pinturas, as tatuagens, as incisões criando estrias cicatrizadas, as mutilações, as moldagens, as perfurações, o uso de adereços de toda ordem, até chegar ao vestuário, como prolongamento da corporeidade e, por fim, as práticas repetitivas de exercícios físicos constituem a matéria prima da construção de corpos. Em alguns casos, chega-se ao sacrifício cruento dos corpos escolhidos, depois de devidamente cultivados, em homenagem à divindade, ou os corpos treinados para sacrifícios nos campos de batalha em nome de duvidosos ideais patrióticos, e, talvez, no alto do pódio dos grandes eventos esportivos em comemoração à quebra de recordes ou à conquista de medalhas.

Em todas essas práticas parece haver uma estreita vinculação entre valores sociais e cultura de imagens corporais fundadas desde em crenças míticas de povos primitivos ou nas mais sofisticadas técnicas da engenharia genética.

## Cultura social do corpo

A literatura que descreve a relação íntima entre cultura corporal e sociedade, apesar de ser bastante recente, é de uma riqueza incalculável. Clássica. Para simplificar, coloco o ponto de partida destas pesquisas na obra clássica de Marcel Mauss, *As Técnicas Corporais*, publicada em *Sociologia e Antropologia*. Esta obra abriu um vastíssimo espaço de pesquisa para as mais diferentes áreas das ciências humanas tendo como centro o corpo e a ordem social. Michel Bernard chega a afirmar que o corpo é abertura e cruzamento do campo simbólico. Fica cada vez mais claro que há inscrito em nosso corpo um rico simbolismo social. Diz Mary Douglas que não se pode esquecer que o corpo é um símbolo da sociedade, tanto que o corpo humano reproduz em escala menor os poderes e os perigos que costumamos atribuir à estrutura social.

Diante desta crescente presença do corpo na sociedade atual, especialmente com o advento dos meios de comunicação televisivos e da imprensa especializada em nu, seja artístico, seja erótico, seja pornográfico, ao lado do propalado tempo de lazer, surge a ilusória idéia de um humanismo do corpo, que Jean-Marie Brohm, um crítico radical, denomina como "La civilización del cuerpo: sublimación y desublimación represiva".

Em todos esses estudos parece que há um consenso, o corpo ainda não alcançou sua libertação. Há sempre a presença de esquemas de controle. Desde o corpo purificador da alma manchada, passando pelo corpo serviçal da consciência engajada, até as aparentes exaltações do corpo erótico, a imagem de um corpo disciplinado e dócil de Foucault continua prevalecendo. Segundo Michel Bernard, "O corpo esportivo é a última forma das mitologias corporais, aquela do corpo são, belo e forte, produzido pela civilização do lazer (com seu cortejo de imagens publicitárias) que pretendem realizar à sua maneira os sonhos dos antigos de harmonia total do homem, do mens sana in corpore sano". Hoje, certamente, a força mítica mais poderosa sobre o corpo se deslocou das formas atléticas para as formas esculturais da beleza.

Mas voltemos um pouco no tempo. O projeto da cultura física apareceu no Ocidente no momento em que a revolução industrial e técnica transformou o modo de vida nos países desenvolvidos. Tudo começou girando em torno de exercícios ginásticos e, só posteriormente, ficou centrado nas atividades esportivas e por fim nas formas estéticas. Em qualquer situação o corpo é cultivado objetivando algo que vai além do corpo. Sobre isto Georges Gusdorf, com muito argúcia observa: "Mas deve-se observar que o homem cultiva seu próprio corpo, segundo normas racionais, como cultiva uma horta de legumes ou um jardim de flores. Não o seu próprio corpo ligado à vida. [...] O corpo do ginasta aparece sempre como motor, não meu corpo, integrado à unidade de minha vida. Dá-se, segundo Gusdorf, com esse estilo de cultura física, uma desnaturação do corpo, que é ainda mais agravada pela mitologia do esporte, particularmente pelo culto do herói olímpico. Neste contexto faz pesadas críticas à produção de atletas especializados em certas modalidades esportivas, mediante processos artificiais, não raro, com recursos a drogas químicas tanto lícitas, quanto ilícitas.

E continuando sua crítica indignada, Georges Gusdorf afirma que um último exemplo de corrupção da figura humana deve-se à medicina recente. Além das retaliações do corpo através das crescentes especializações, ele denuncia as técnicas terapêuticas invasivas que evidenciam a desnaturação da realidade humana. É bom lembrar que, nesta época, Gusdorf ainda não podia conhecer os grandes avanços da engenharia genética, com transplantes e clonagens.

Em linhas gerais, especialmente depois de instalada a educação formal, é nas práticas pedagógicas que encontramos um enorme arsenal de procedimentos oficializados como necessários ao controle do corpo, mas, eles, de alguma maneira, mantêm uma estreita ligação com as práticas médicas. Para reforçar essa idéia, já manifestada por Gusdorf, entre muitos outros autores, cito a obra de Georges Vigarello, *Le Corps redressé - Histoire d'un pouvoir pédagogique* (1978), onde se pode encontrar as linhas mestras da ação pedagógica seguidas particularmente na Europa para endireitar o corpo, de tal maneira que, no dizer dele, "o corpo é primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança. (Op. Cit. p.9). A retidão do corpo era o valor máximo destas pedagogias. Evidentemente, com o passar do tempo, este trabalho passou a ser confiado à educação física, especialmente, quando se identificou com os ideais calistênicos. E o valor supremo da calistenia foi a verticalidade. Desde o início há a exaltação da verticalidade do corpo. Este é o ponto central. As máximas primeiras diziam: o corpo deve-se ser ereto. O corpo da criança deve ser direito (*droit*). Até o fato de cair, real ou simbólico, torna-se glorioso se a gente cai de pé. A derrota é salva se a gente mantiver a cabeça erguida. A perfeição desta pedagogia, afirma Vigarello, estaria no soldado, pois "é aquele que parece receber os melhores cuidados". Entretanto, é óbvio, nesta educação não é o corpo o beneficiado, mas são as estratégias da guerra.

Apenas para lembrar o que foi anunciado acima, se a educação física recebeu o poder pedagógico de educar o corpo, a medicina se mantém em sua vizinhança dando todo o apoio e, por vezes, como a única avalista de suas atividades. Em fim, fica claro, hoje, que a educação física transitou, em nossas Universidades, entre as ciências da educação e as ciências da saúde, mas agora, embora algumas resistências, acabou sendo autoritariamente incluída na área da saúde.

## Cultura estética do corpo

Uma fonte fundamental para definir os perfis corporais é constituída pelos padrões de beleza assumidos pela sociedade. Cada sociedade, em cada época, estabelece quais modelos de beleza devem ser seguidos. As pessoas, na medida do possível, ainda que ilusoriamente, buscam reproduzir os padrões exigidos. Foram esses padrões que criaram a figura do body-building ou body-builder, figuras criadas nos Estados Unidos e difundidas em todo mundo.

Descrever os diferentes modelos de corpo belo, adotados pelas sociedades culturalmente diferentes, ou pela mesma cultura em tempos diferentes, nos levaria a uma longa digressão. De qualquer maneira são eles que estabelecem os corpos-construção. Esse fato é fácil de ser constatado entre nós. Por exemplo, hoje, a magreza é o atributo mais consagrado de um corpo belo feminino. Pesos e medidas, vinculados à altura, são os parâmetros definidores de um corpo belo. Já o corpo masculino tende mais para um atributo de força. Se a beleza corporal feminina é a beleza magricela encarnada pelos modelos de desfiles de modas; a beleza corporal masculina apresenta-se como espetáculo muscular.

Em nome do ideal de beleza, os corpos, aparentemente, foram liberados, mas desde que estejam dentro dos padrões exigidos. Não é qualquer corpo que pode adotar a nudez. Um corpo, para poder se apresentar desnudo, precisa possuir as formas impostas pelo padrão estético vigente. Assim, a ilusão da liberação acaba em nova forma de servidão, agora, mais perversa, pois ela é auto-imposta.

Mas a palavra estética não pode ser reduzida ao conceito de beleza. Quando a aproximamos de sua raiz etimológica grega, ela significa sensibilidade. É nesta perspectiva que Michel Maffesoli afirma que na era pós-moderna há uma construção do corpo, não apenas do corpo individual que eu construo, mas de um corpo que eu construo sob o olhar do outro e para que ele possa ser olhado pelo outro. Desta maneira surge uma intercorporeidade que nos coloca em contato permanente através de uma vida de estar junto com outro numa socialidade tátil. As relações sociais recebem um outro tipo de cimento, usando a expressão de Maffesoli, o de conviver sob o efeito das emoções, o que permite experimentar, com os outros, alguma coisa. Provavelmente neste contexto será possível pensar uma convivência capaz de inspirar outros critérios societários de vivência corporal numa ordem social não apenas racionalizada.

## Cultura genética do corpo

Chegamos ao ponto mais complexo e mais polêmico da construção de corpos pela engenharia genética. A questão é grave não porque as construções corporais obedecem a um projeto científico de melhoramento da vida, mas enquanto são colocadas a serviço de interesses econômicos e ideológicos. Por enquanto, as construções de corpos humanos geneticamente planejados permanecem como possibilidade mais ou menos próxima. A tecnologia já existe, segundo o Médico Italiano Antinori, já estaria sendo testada.

No mundo vegetal e animal os experimentos são fatos consumados. No mundo humano, os ensaios com alterações genéticas, sem excluir as clonagens, parece, estão acontecendo com maior ou menor ousadia, e entre a clandestinidade e a transparência. As

maiores resistências, segundo depoimentos dos próprios geneticistas, seria, de um lado, o despreparo da sociedade para receber tais novos seres, de outro lado, a não certeza, entre os próprios cientistas, de garantir o controle total sobre suas criaturas.

Há poucos dias, num programa da GNT apresentando declarações de cientistas de populares diante da intervenção em embriões humanos para melhorar sua condição genética, ficou claro que a maioria dos cientistas e dos populares entrevistados concorda com tais intervenções, embora as razões sejam diversas. Os cientistas enfocam a necessidade de garantir, ao máximo, o estado saudável, imune a doenças, do corpo humano. Os populares argumentam dizendo: qual dos pais não gostaria de dar a seus filhos o melhor, portanto, as correções ou os enriquecimentos genéticos em seus filhos seriam, por eles, aprovados com o maior entusiasmo, porque se trataria de um bem maior, isto é, de uma vida melhor.

Para não me prolongar demais quero, ainda que a título de lembrança, referir-me à polêmica proposta de Peter Sloterdijk propondo a implantação do parque humano. Nele seria criado o homem perfeito por um processo de engenharia genética. Todos os seus genes seriam perfeitos, portanto, qualquer gene defeituoso ou portador de patologias futuras seria eliminado. Surgiria um homem imune a qualquer distúrbio ou disfunção.

É evidente que esta proposta recebeu condenações de toda parte e por cientistas de todos os países, mas, considerando bem, esse seria, dentro da lógica do avanço da engenharia genética, o passo mais sonhado. O que mais atrapalha é a consciência de que o novo homem pode não ficar sob o controle dos puros limites genéticos planejados pelos criadores.

Neste novo contexto, criado pelos avanços das ciências da vida, deve-se reconhecer um dado indiscutível, fornecido especificamente pela biologia molecular, trata-se da molécula como o primeiro tijolo da construção do corpo. Dentro desta ótica, observa Michel Bernard, na modernidade o corpo humano era visto como o microcosmo do universo, com a biologia molecular, a célula tornou-se o microcosmo do corpo humano.

## Qualidade de vida

Inicialmente preciso lembrar o que afirmei no começo, o conceito de qualidade não é unívoco, na formulação do tema, fiquei em dúvida se o seu sentido deveria ser necessariamente um atributo bom. Recorrendo mais uma vez à etimologia do termo qualidade, ele deriva de *qualis* [latim] que significa o modo de ser característico de alguma coisa. Portanto esse modo de ser representa algo positivo se o ser é considerado em si mesmo, mas pode ser negativo quando relacionado a outro objeto. Eu acredito que, ao falarmos em qualidade de vida, geralmente, nos referimos a algo bom, digno e positivo. Ou não?

Em segundo lugar, quero afirmar que, no meu entender, cultura corporal e qualidade de vida se confundem, se tocam, talvez, se fundem ou confundem, lembrando palavras de Maffesoli. Lembro, agora, o livro de Foucault *Les mots et les choses*, no capítulo *la prose du monde* que trata das quatro similitudes. A primeira delas é a conveniência, isto é, a vizinhança dos lugares. "São convenientes, diz ele, as coisas que se aproximam uma da outra, vem a se ajustar; elas se tocam nas bordas e suas franjas se misturam". Conveniência é o que vem junto, exatamente, com a cultura corporal vem junto a qualidade de vida. Uma será o que é a outra.

Dito isto, me parece que agora o trabalho consistiria em identificar as práticas adotadas para desenhar, construir ou desenvolver as diferentes compreensões de corpo que tentei descrever até aqui. Esse tipo de trabalho é consagrado na Academia, o mais significativo seria, no meu ponto de vista, identificar a cultura corporal a que foi submetido meu corpo, então sei a minha qualidade de vida.

Fiz esta observação porque, para mim, a qualidade de vida não é uma questão epistemológica, mas ética. Ela não se constrói sobre conhecimentos, mas sobre valores e decisões. O conhecimento do que é bom e saudável para minha vida não é suficiente para que eu oriente meu viver segundo tal informação científica. Depende de uma decisão, e a decisão se dá diante de um valor que, segundo Maturana, nasce na esfera emocional. Um exemplo pode ser observado junto aos dependentes de drogas químicas mais ou menos perigosas, lícitas ou não lícitas. A maioria deles, provavelmente, está a par dos seus malefícios, mas continuam consumindo.

Antes de descrever as diferentes conveniências entre cultura corporal e qualidade de vida, quero referir-me a um comportamento muito humano, talvez, exclusivamente do ser humano, da busca da transcendência, não apenas, no sentido espiritual, mas no sentido amplo de qualquer superação de seus limites atuais. Isto porque, acredito, é um dado decisivo para a compreensão de qualidade de vida.

Desde a era mítica a busca da vida melhor ou perfeita foi procurada para além das fronteiras do corpo vivo ou da ordem existente. Adão e Eva não se sujeitaram a ficar confinados aos limites de uma vida no paraíso ordenado por preceitos de Deus. Quiseram uma vida que os tornam-se semelhantes ao Criador. Prometeu, o titã amigo dos homens, satisfizesse seus desejos roubando o fogo de Zeus para entregá-lo aos seres humanos. Nos dois casos, uma busca de transcendência, de sonho de uma vida melhor, acabaria em sérias conseqüências. No caso do Éden, Adão e Eva foram expulsos do paraíso e condenados a uma vida de sofrimento e trabalho, e, o que foi pior, à morte. No caso grego, a ousadia de Prometeu provocou as iras de Zeus, que passou a perseguir os protegidos de Prometeu e a eles mesmo. Para isso enviou Pandora, a deusa mais bonita, com uma caixa, como presente a Prometeu. Uma vez aberta, por seu irmão Epimeteu, dela saíram todos os males que feriram mortalmente toda a humanidade.

O homem, ao rejeitar a corporeidade, como sua identidade existencial, e ao substituí-la por uma entidade que o coloca acima e fora do corpo, passou a pautar sua vida segundo essa nova entidade.

Houve um tempo que os limites do humano obedeciam às dimensões do corpo. O desenvolvimento da cultura, entretanto, foi acentuando a distinção e a separação entre o humano do homem e a natureza. Surgiu, com isso, um problema praticamente insolúvel, o corpo continuava como parte da natureza da mesma forma que os demais seres vivos. A solução encontrada foi atribuir as atividades da espécie humana, não ao corpo, mas a uma entidade superior, nele residente. Assim, surgiram o Logos, a Psique ou a Alma. Os confins da corporeidade estabeleceram o começo do país do humano ou da paisagem humana e daí em diante os horizontes nunca foram alcançados. O corpo situava o homem no reino da natureza, do ser vivo apenas, mas seu país, no sentido de pátria, ia além ou deveria ir além. O homem estava situado corporalmente no mundo presente, mas seu destino era outro mundo.

Essas entidades supra corporais foram fixadas num humano, de alguma maneira extra-homem, ou pelo menos extra-matéria. O humano era sinônimo, para a filosofia

humanista, de um representante abstrato universal, lugar da voz e da visão fundadoras. O humano do humanismo era em última instância, a razão e a consciência. Neste contexto o corpo não oferecia grande interesse, enquanto substância orgânica, aparência, desejo ou paixão. Ou era a natureza utópica intocável ou era a natureza caótica e catastrófica, perversa e corrompida. Havia o privilegiamento de um sujeito como um absoluto, sem rosto.

No tempo e nas culturas em que o corpo tinha uma situação secundária ou denegrada na vida das pessoas, a qualidade de vida não está vinculada ao corpo, mas à psique, à alma, à razão ou à consciência. A qualidade da vida, por exemplo, para o cristão medieval, era ter a alma em estado de graça, ainda que ao custo de um corpo sofredor e recusado. O que importava, na vida terrena, era restaurar a imagem do Criador, nele impressa no ato da criação, que, certamente, não estaria no corpo, ainda que o fato da Encarnação pareça mostrar o contrário. O balizador maior da boa conduta humana está no decálogo bíblico.

Para as filosofias racionalistas, a vida de qualidade deveria receber a chancela da razão. A vida humana atingiria a sua plenitude na plenitude da luz da razão. Como a razão não chegou a criar uma ética enquanto guia do agir humano, o parâmetro mais confiável acabou sendo a positividade do saber científico, produto da própria razão, por isso confiável. Com o surgimento das filosofias que compreendem o homem como um ser histórico, a consciência torna-se o referencial máximo para definir uma vida com qualidade. No Marxismo, a consciência ou o grau de conscientização mostram o perfil de um sujeito engajado na construção da história. O reverso da medalha é uma vida alienada. No existencialismo, a consciência da condição humana garante uma existência autêntica. A inautenticidade se manifesta na falta de consciência da verdadeira condição do ser do homem.

Desde o surgimento da biologia molecular criou-se um novo paradigma de qualidade de vida. Os poderosos métodos da engenharia genética seriam os instrumentos que garantem uma qualidade de vida perfeita. Neste caso a qualidade de vida consiste na ordenação de um código genético sem genes defeituosos, o desafio para a ciência é colocar o gene sadio no lugar exato, além de conseguir garantir que ele funcione corretamente. Tal tecnologia garantiria produzir um organismo vivo, humano ou não, sem defeitos, e, além disso, criar terapias genéticas, as duas bases fundamentais para garantir a qualidade de vida do futuro.

Em nome destas pesquisas avançadas há uma crescente confiança, por boa parte de cientistas, de que a biologia desenhará a cara do século 21. E se desenhar a cara do futuro, evidentemente, nela está imbutida a cara do ser humano. O inglês Francis Crick, um dos ganhadores do prêmio Nobel de 1962, pela descoberta do DNA, afirma que é inevitável a criação de "pessoas melhores", pois os métodos já existem, mas usá-los agora (1998), diz ele, seria precipitado, especialmente porque não sabemos o que queremos. Por sua vez, o microbiologista Lee Silver, pai da reprogénica (reprodução genética), já prevê um mundo dominado por humanos "geneticamente melhorados".

O guia central desta vida, do qual depende sua qualidade depender do "gênio genético". Um segredo ainda não acessado pelo olhar do cientista. Este termo, segundo Axel Kahn, – (Médico, genetecista, especialista em biotecnologias, membro do Comitê consultivo nacional de ética francês, autor da obra *Et l'Homme dans tout ça: Playdoier pour un humanisme moderne*, – num sentido geral, "designa um conjunto de práticas, de procedimentos permitindo realizar qualquer coisa. No caso da biologia, "ele designa todas

as técnicas permitindo que o ser vivente realiza todo ou parte do programa genético de um outro ser vivente". O Gênio genético é exatamente a instância que conduz, do início ao fim, o desenvolvimento de um organismo vivo. Ele é o responsável pela vida em todas as suas manifestações.

A expectativa mais crucial, no momento, para o cientista de um lado, e mais espetacular para o observador de outro lado, é aguardar a hora em que será possível decifrar como o cérebro produz a consciência. Esta descoberta garantirá, ainda segundo os especialistas, a possibilidade de criar um novo humanismo. Esse novo humanismo, em linhas gerais, já estaria desenhado no momento em que o corpo passou a ser a referência central da vida humana. Assim a questão tradicional de aceitar ou não o corpo como herança genética irreversível, vai sendo substituída pelas tecnologias biológicas para mudar o corpo, e até que ponto essas mudanças podem acontecer sem perigos.

Diante deste espaço, em grande parte desconhecido pela maioria das pessoas não seria exagero incluir uma parte considerável de professores, deve-se fazer uma observação em relação à atitude de alguns geneticistas, que reduzem o ser vivo a uma questão genética. Tudo aconteceria, para eles, no recinto das neurociências. Falta-lhes a visão da ecologia nos seus mais variados significados.

Neste sentido torna-se fundamental incorporar aos avanços da engenharia genética, a consciência ecológica de que o homem é mais do que um construto biológico, ainda que todas as suas manifestações nele estejam enraizadas. Talvez, não seja uma mentalidade conservadora reafirmar com Edgar Morin que, o ser humano, apesar de tudo o que as neurociências dizem, continua sendo "a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico". Esta compreensão de homem seria, para os pensadores humanistas, o paradigma de um novo humanismo.

## Conclusão

Vou começar a conclusão com as palavras de Guimarães Rosa em Grande sertão: veredas, "O senhor... Mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando". É a qualidade de vida não existe, ela, como os caminhos em Pablo Neruda ou o pensamento em Merleau-Ponty, se fazem, vivendo.

Guiado por essas idéias recorro, mais uma vez, a Maturana por duas razões: primeiro, porque confio em suas teorias científicas e em suas posições humanistas; segundo, porque é um cientista, o que, em princípio, confere, ainda, mais confiabilidade ao que dizemos. A segunda razão, a da autoridade dos cientistas, não é preciso provar. Por isso vou ater-me a primeira razão.

Já vimos que, para Maturana, o ser vivo, humano ou não, é um sistema auto-referido e autopoietico, o que quer dizer que ele se realiza como auto-construção e auto-organização. É bom lembrar que a autopoiese tem duas funções: a de criar e ordenar os elementos que constituem tal organismo, e a de criar os elementos que o protegem das agressões. A cultura corporal, segundo esta tese, nada mais seria do que oferecer as condições e os recursos necessários para que essa dupla tarefa possa realizar-se com eficiência. E, uma vez proporcionado tal ambiente, acontece, o que chamamos de qualidade de vida.

Portanto, cada pessoa reclama um tipo próprio de cultura corporal, exatamente, aquele que lhe garante sua qualidade de vida.

Diante disto pode-se afirmar que cada pessoa é o artífice de sua autopoiese, cuja tarefa assemelha-se à do artesão. Trata-se da arte de viver, isto é, de uma obra artesanal no sentido original da palavra, resultante de um esforço, não é doação.

Há um guia para esta tarefa, da qual depende a felicidade de cada pessoa, tanto individual, quanto social, este guia começa pelo código genético e se estende durante toda a vida auxiliado pela capacidade de decidir corretamente.

O que, no meu entender, surpreende em Maturana por ser um biólogo, é sua compreensão do processo evolutivo, de um elemento que, em princípio nunca fez parte das ciências biológicas, mas presente em todos os seres vivos. Diz ele, não sem certa precaução, "O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto". Precavido diante de alguma possível interpretação errônea de seu pensamento ele acrescenta: "não estou falando em nome do cristianismo, [...] não me importa o que o Papa tenha dito, [...] estou falando com base na biologia". Feita esta ressalva, proclama enfaticamente: "Jesus era um grande biólogo. Quando ele fala de viver no reino de Deus, fala de viver na harmonia que traz consigo o conhecimento e o respeito pelo mundo natural que nos sustenta, e que permite viver nele sem abusá-lo nem destruí-lo". Certamente, o amor com base no biológico, se vale para nossa presença no mundo, deverá valer muito mais quando estiver em jogo o corpo humano, meu corpo, melhor, eu mesmo.

Amar o corpo é o primeiro mandamento de uma cultura corporal e a única condição para se ter uma qualidade de vida. É por isto que, reafirmo, tanto a cultura corporal quanto a qualidade de vida entram na esfera da ética, não das ciências. Talvez, para completar essa visão de Maturana, devêssemos reler Epicuro, (filósofo grego que viveu de 341 a 270 a.C.), pois ele nos falaria da arte de viver como uma autogestão da existência em nome da serenidade, da felicidade e do prazer, pois o homem não vive em função do prazer. E isto é possível porque existimos na liberdade, o que assegura ao homem administrar suas necessidades e seus desejos, cuidando, porém, para ter certeza que emanam dele mesmo e não são vindos de fora.

Finalmente, vou referir-me a dois discursos, um mais acadêmico, de Michel Bernard, que diz ser "ilusório querer atingir, através de um saber ou de uma técnica qualquer, uma realidade oculta e última do corpo, da qual dependeria nossa felicidade futura; mas que, em contrapartida, é essencial inventar e controlar um modo de cultura que nos apresente deste corpo uma imagem a menos alienante possível, que permita a expressão livre de todos os corpos em seus desejos e suas ações recíprocas". O outro, mais concreto e mais dramático, está na reivindicação dos Zapatistas como condição indispensável para uma vida humana digna. Eles exigiam nada mais que: "Trabalho, terra, habitação, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz".

## Bibliografia

- BAUDRILLARD, J. *De la séduction*. Paris: Editions Galilée, 1979.
- BERNARD, M. *Le corps*. Paris: Éditions du Seuil, 1995.
- BURQUE, P. (Org.) *A Escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CICERO, M. A. T. *Saber Envelhecer e A Amizade*. Trad. De Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- DAMÁSIO, A. *O Erro de Descartes*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- DOUGLAS, M. *De la souillure, - Essai sur la notion de pollution et de tabou*, Paris: Maspéro, 1971.
- FOUCAULT, M, *Vigiar e Punir*. Trad. De Lúcia Ponde Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Les Mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966.
- GUSDORF, G. *A Agonia da nossa Civilização*. São Paulo: Convívio, 1978.
- HEIDEGGER, M. *Le Príncipe de Raison*. Paris: Gallimard, 1962.
- JORNAL, *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, 1998.
- KAHN, Axel. *Société et révolution biologique - Pour une éthique de la responsabilité*, Paris: INRA, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Et l'Homme dans tout ça - Plaidoyer pour un humanisme moderne*. Paris: Nil, 2000.
- MARCEL, G. *Le Mystère de l'Être*. Paris: Aubier, 1951.
- MATURANA, H. *De Máquinas e Seres Vivos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Emoções e linguagem na educação e na política*, Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Realidad: Objetiva o construída?* México: Universidad Iberoamericana, 1997.
- MAUSS, M. *Sociologie et Anthropologie*. Paris: P.U.F., 1966.
- MERLEAU-PONTY, M. *La Phénoménologie de la Perception*. Paris: Gallimard, 1945.
- PADOVANI, U. e CASTAGNOLA, L. *História da Filosofia*: São Paulo: Edições Melhoramentos, 1972.
- MORIN, E. *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. Trad. De Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2000.
- REVISTA, *Études d'Anthropologie philosophique*, Paris: VRIN, n.28, 1980.
- REVISTA GEEMPA, Porto Alegre, n.1.
- REVISTA *Partisans: Deporte, cultura y represión*. Barcelona: Editorial G. Gilli, 1978.
- ROSA, J. G. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- TERXTOS. *Comunicação e Pós-Modernidade*. Salvador: UFB, 1996.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. De Vergílio Ferreira. Rio de Janeiro: Agir, 1965.

SLOTTERDIJK, P. **Regras para o parque humano**. Trad. de José de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

VIGARELLO, G. **Le corps redressé - Histoire d'un pouvoir pédagogique**. Paris: Delarge, 1978.

### **Resumen**

Este trabajo resulta de una reflexión filosófica con respecto al tema: educación corporal y calidad de vida. Tres puntos centrales son desarrollados. Por primero presenta-se la unidad indisoluble entre los dos fenómenos, porque solamente habrá una verdadera cultura corporal cuando esta producir al mismo tiempo calidad de vida. El punto siguiente trata de algunas desviaciones provocadas por intereses no vinculados al desarrollo de la vida. El último punto presenta la conclusión de que toda persona es el grande y autentico artífice apto a unificar la cultura corporal con la calidad de vida.